



TOMÁS DE AQUINO E AS RAZÕES PARA SE CRER NA EXISTÊNCIA DE DEUS

Edmarcius Carvalho Novaes¹

RESUMO:

Este artigo objetiva compreender como Tomás de Aquino apresenta caminhos para comprovar de forma racional a existência de Deus. Para tanto, identifica-se contribuições da perspectiva tomista para os estudos filosóficos, aponta-se motivos pelos quais a demonstração racional da existência de Deus era importante para a teologia natural, e explica-se os cinco caminhos propostos pelo filósofo. Trata-se de investigação qualitativa, com revisão da leitura, de modo descritivo e interpretativo. Resulta-se que para o filósofo, a compreensão da existência de Deus se dá pelo homem através do conhecimento organizado, capaz de refletir sobre a ordem própria da natureza, sendo a metafísica a regente das demais ciências, pois considera-se as causas primeiras de todas as coisas. Conclui-se que o filósofo desenvolve seu discurso filosófico no sentido de comprovar racionalmente a existência de Deus, uma vez que o homem apenas pode conhecer algo das razões eternas quando tem conhecimento das coisas materiais, e o contrário, de igual forma.

Palavras-chaves: Tomás de Aquino; Suma Teológica; Cinco Vias.

ABSTRACT:

This article aims to understand how Thomas Aquinas presents ways to rationally prove the existence of God. To this end, contributions from the Thomistic perspective to philosophical studies are identified, reasons are given for why the rational demonstration of the existence of God was important to a natural theology, and the five proposed paths are explained. This is a qualitative investigation, with a reading review, in a descriptive and interpretive way. It turns out that for the philosopher the understanding of the existence of God is given by man through organized knowledge, capable of reflecting on the proper order of nature, with metaphysics being the ruler of the other sciences, since the primary causes of all are considered things from her. It is concluded that the philosopher develops his philosophical discourse in the sense of rationally proving the existence of God, since man can only know something of eternal reasons when he has knowledge of material things, and the opposite, in the same way.

Keywords: Tomás Aquinas. Theological Docket. Five Ways.

¹ Licenciado em Filosofia e Bacharel em Direito. Mestre em Gestão Integrada do Território (UNIVALE) e Doutorando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professor e pesquisador na Universidade Vale do Rio Doce. E-mail: edmarcius@hotmail.com



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A problemática da existência de Deus se faz presente em algumas discussões filosóficas. Este artigo se propõe uma abordagem da fé na existência de Deus e a partir da filosofia medieval de Tomás de Aquino. Para tanto, considera-se a relevância do estudo sobre o pensamento do referido filósofo a respeito da metafísica e do conhecimento pelas coisas materiais e as formas pelas quais o Aquinate propõe comprovar a existência de Deus racionalmente.

Para atingirmos nosso intuito, configuram-se como objetivos específicos desta reflexão: identificar quem foi Tomás de Aquino na História da Filosofia e qual sua contribuição para os estudos filosóficos; apontar, sob a perspectiva tomista a importância de se demonstrar a existência de Deus para a constituição de uma teologia natural; explicar os cinco caminhos (vias) propostos para a comprovação racional da existência divina.

A discussão que propomos se justifica por apresentar a compreensão de Tomás de Aquino sobre a metafísica após estabelecer diálogo com vários autores e as tentativas deles para explicarem o conhecimento humano sobre a existência divina, sendo essa uma discussão que suscita análises interdisciplinares também na contemporaneidade.

Este artigo encontra-se organizado, além da metodologia e das considerações finais, com as seguintes partes: revisão teórica sobre as razões para se crer na existência de Deus; exposição das contribuições de Tomás de Aquino neste campo de reflexão filosófica; apresentação da existência de Deus como um problema; explicação das cinco vias racionais para se provar a existência divina de forma racional.

METODOLOGIA

Este artigo se caracteriza como uma investigação qualitativa, por meio da revisão de literatura a partir do objeto de pesquisa, de modo descritivo e interpretativo. Uma produção de natureza qualitativa é aquela em se busca compreender o comportamento de algo com foco no caráter subjetivo do objeto analisado, cuja escolha da técnica de análise



alinha-se com a formulação do problema a ser investigado (MINAYO & DESLANDES, 2007).

No que diz respeito à revisão da literatura deve-se esclarecer os pressupostos teóricos que irão fundamentar a pesquisa e as contribuições proporcionadas por investigações anteriores. De acordo com Gil (2008), “(..) essa revisão não pode ser constituída apenas por referências ou sínteses dos estudos feitos, mas por discussão crítica do “estado atual da questão” (GIL, 2008, p. 162). Sendo assim, utilizou-se a leitura da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino (1980), além de distintos artigos publicados em periódicos especializados em filosofia medieval.

Por fim, uma pesquisa é descritiva e interpretativa quando estabelece critérios, métodos e técnicas para sua elaboração e visa oferecer informações sobre o objeto dessa, além de orientar a formulação de hipóteses, através do estudo, da análise, do registro e da interpretação dos fatos servindo de referencial para resultados observados. (LUNA, 2000).

RAZÕES PARA SE CRER NA EXISTÊNCIA DE DEUS

Ao atravessar o tempo e se fazer presente hodiernamente, a discussão sobre as perspectivas de abordagens filosóficas acerca da existência divina continua evidente na filosofia ocidental. Junior (2017), ao apresentar abordagens filosóficas sobre Deus, além da perspectiva cosmológica ou naturalista (adotada, dentre outros, pelo filósofo cujas contribuições são o cerne deste artigo), aponta a possibilidade de se pensar filosoficamente a discussão pela abordagem antropológico-subjetivista, com destaque à formulação em Descartes, e pela abordagem prática, a partir das contribuições de Xavier Zubiri.

A maneira clássica para balizar esta problemática é a naturalista, que se remete à Grécia Antiga, com forte radicalização na filosofia aristotélica e com sua reelaboração na filosofia medieval (JUNIOR, 2017). Nessa tem-se, a partir do cosmo (ou universo), a possibilidade filosófica de elaboração de teses sobre sua própria existência, notadamente a respeito dos movimentos, causalidades, contingências, os graus de ser, e a



ordem/finalidade propostas do universo, para se demonstrar racionalmente que tudo o que existe só o é em razão, ou por necessidade, da existência divina.

Mediante essa perspectiva, Deus é tido como o motor imóvel, a causa primeira, o ser necessário e supremo, a inteligência que orchestra tudo que existe. É no contexto de elaboração das teses que fundamentam tal perspectiva que se evidenciam as contribuições do teólogo e filósofo medieval Tomás de Aquino para se comprovar a existência de Deus de forma racional, a partir do que é material e percebido pelos sentidos humanos.

Para Tomás de Aquino, a ciência se configura como um conhecimento do qual o homem necessita e que se pode ter sobre algo geralmente demonstrado por meio de silogismos. Assim, é organizado para apresentar um todo, cujas demonstrações se desencadeiam e ajudam a distinguir as ciências, seja em função de um determinado tema, ou ainda em razão de algum sujeito comum para variadas ciências.

Em comum, para o filósofo, se tem que todo o conhecimento visa a bem-aventurança do homem, sua felicidade suprema. Por isso, as ciências são divididas entre aquelas que se ocupam do conhecimento por si mesmo (as teóricas) e aquelas que se ocupam do saber para se resolver algo (as práticas). Esse ordenamento da ciência para Aquino é absolutamente natural: o conhecimento é organizado para refletir a ordem própria da natureza – e por isso, a metafísica se destaca como a regente das outras ciências, sobretudo, porque é próprio daquela considerar as causas primeiras das coisas como sendo “[...] causa da essência e da verdade dos outros”. (AQUINO, 2010, p. 243). Assim, a metafísica se constitui como a filosofia primeira, confundindo-se com a própria filosofia, uma vez que a considera como as causas primeiras e que ordena todo o universo para atingir um dado objetivo.

É a partir desse conjunto de análises que Tomás de Aquino se propõe a desenvolver seu discurso filosófico no sentido de comprovar racionalmente a existência de Deus, uma vez que entende que o homem apenas pode conhecer algo das razões eternas quando obtém conhecimento das coisas materiais (e o contrário também), divergindo da perspectiva platônica, para a qual o conhecimento das coisas materiais depende exclusivamente das razões eternas (OLIVEIRA, 2013).



TOMÁS DE AQUINO E SUAS CONTRIBUIÇÕES

No transcorrer da história, a relação entre fé e razão nem sempre ocorreu de forma linear. Ainda no segundo século da era cristã, o saber filosófico era tido como aquele que objetivava distorcer os ensinamentos da fé. Segundo Marques (2018), isso começou a se alterar no período da escolástica na Europa, entre o século IX até o início da Renascimento e no século XVI, quando o uso da reflexão filosófica deixou de ser tido como uma tentativa de negação da fé tornando-se recurso para se compreender as verdades reveladas por ela. Assim, o ápice da relação entre razão para servir a fé se deu com o pensamento de Agostinho a partir do ditado “crer para compreender e compreender para crer” (MARQUES, 2018). No entanto, Tomás de Aquino é o filósofo mais conhecido como aquele que fez o exercício de conciliar a fé e a razão.

Representante do período medieval na história da filosofia com as obras *Suma Teológica* (1980) e *Suma contra os Gentios* (1990), dentre outras, Aquino apresentou argumentos com intuito de comprovar a existência do ser de Deus a partir da realidade física tendo como premissa o movimento. Para o filósofo, tudo o que se move assim o faz em razão de um outro ser, que não é próprio do ser que se move, mas de algo que lhe é externo, no caso, Deus (OLIVEIRA, 2013).

Assim, seu objetivo era demonstrar como o intelecto humano poderia compreender a verdade da proposição da existência divina, propondo uma nova interpretação, diferentemente da fé tradicional, com uma justificação racional da crença religiosa em Deus. Sua proposta foi que a partir de requerimentos formais da ciência se construísse uma inteligibilidade de Deus, tomado como objeto científico e, portanto, acessível ao intelecto humano.

No campo biográfico, Batista (2010) aponta que em toda sua vida Aquino dedicou-se à “devoção pessoal em favor do ensino e, sobretudo, em favor da cristandade” (BATISTA, 2010, p. 88), sendo um dos principais defensores do pensamento cristão à época, razão pela qual a Igreja Católica o tem no rol de seus Doutores (da Igreja), concedendo-lhe os títulos de Doutor Angélico e Doutor Comum, especialmente em razão de suas obras, referências comuns para acadêmicos e religiosos.



Com base em contribuições de estudiosos de perspectiva tomista é possível construir um quadro sinóptico sobre a trajetória de vida do filósofo:

TABELA 1: QUADRO SINÓPTICO SOBRE A VIDA DE TOMÁS DE AQUINO.

DATAS	FATOS
1224 ou 1225	Não se sabe ao certo o ano de nascimento. De Tomás de Aquino. Tem-se que nasceu no castelo de Roccasecca, era de família rica da cidade de Aquino (Itália), à época pertencente ao Reino de Nápoles. Os nomes de seus pais eram Landolfo e Teodora.
1231	Ainda jovem foi encaminhado ao Mosteiro do Monte Cassino, localizado entre Roma e Nápoles e que dividia os domínios entre os Estados Pontifícios e os Imperiais. Portanto, um território marcado por relações geopoliticamente acirradas.
1239	Ingressou na Universidade de Nápoles, fundada pelo Imperador Frederico II para competir com a Universidade de Bolonha, da Igreja Católica. Ao estudar Artes Liberais (gramática, lógica e retórica, aritmética, astronomia, geometria e música), teve contato com a Lógica e a Filosofia Natural de Aristóteles (que se pauta pela física).
1244	Muda-se para a recém-fundada ordem dominicana tornando-se membro, o que lhe fez ficar preso por meses, em represálias sofridas pelos próprios irmãos, que não o queriam em uma ordem de pobreza.
1245 a 1248	Já em liberdade, permaneceu na ordem dominicana e continuou os estudos na Universidade de Paris.
1248 a 1252	Conheceu Alberto Magno, que se tornou seu amigo e mestre, e que lhe acompanhou em viagem para a Alemanha com o intuito de estudar filosofia, teologia e ciência.
1252 a 1259	Já ordenado sacerdote, tornou-se professor em Paris. Inicialmente, desenvolveu cargo de bacharel sentenciário, até chegar ao cargo de mestre regente de Teologia, período em que iniciou a escrita, dentre



	outras, da <i>Suma contra os gentios</i> , com síntese sobre vias de acesso à verdade tanto por meio da razão quanto por meio da fé, para ser utilizada por missionários cristãos.
1260 a 1265	Foi enviado à Nápoles, para organizar os estudos da ordem dominicana. Em 1264 terminou a <i>Suma contra os gentios</i> e permaneceu na Corte do Papa Urbano IV em Orvieto.
1265	Enviado à Roma para dirigir a Escola Santa Sabina; começou a escrever a <i>Suma Teológica</i> , que não pode terminar em razão de sua morte.
1267 e 1268	Acompanhou o Papa Clemente IV em Viterbo, que ascendeu ao trono pontifical.
1269 a 1272	Retorna a Paris para a mesma universidade em que exerceu a regência para lecionar pela segunda vez.
1272 a 1274	Retorna a Nápoles para exercer a cátedra de regente de Teologia.
1274	A caminho do Concílio de Lyon, sofre acidente e falece no dia 07 de março, em Fossanova.
1323	É canonizado pelo Papa João XXII.

Fonte: autor (2020), com base em Batista (2010) e Araújo (2014).

Ao desempenhar as funções de frade pregador e professor universitário, Tomás de Aquino demonstra sua preocupação com os bens intelectuais, possíveis de serem percebidos pela contemplação, no entanto, de forma racional. Uma racionalidade que Lima Vaz (1986) descreve como uma aventura desenvolvida pelo filósofo em seu interior:

[...] Tomás viveu, sim, uma extraordinária aventura: mas foi uma aventura toda interior. Na sua significação mais profunda, aventura de santidade, motivação última sem a qual dificilmente se compreenderiam suas audácias intelectuais. Para o historiador das ideias, aventura da inteligência que marca decisivamente a evolução da cultura ocidental [...]. A ‘crise’ do século XIII era, para o pensamento cristão, uma crise de crescimento. Os esquemas herdados da ‘razão’ agostiniana e neoplatônica se mostravam inadequados para captar e assimilar as dimensões novas trazidas ao seio do mundo cristão pela ‘razão’ aristotélica, sobretudo a sua noção de ‘natureza’, centro autônomo de operações específicas. Foi a serviço de uma exigência na



ordem do espírito, do corpo da cristandade ocidental – exigência de reestruturação das suas bases intelectuais – que santo Tomás colocou a ‘contemplação’ que absorveu sua vida fora dessa perspectiva do *contemplata aliis tradere*, é impossível compreender sua obra como uma obra típica – a mais genial, sem dúvida – de ‘filosofia cristã’ tal como a Idade Média a concebeu: a busca da ‘inteligência’ no seio do universo da fé, de uma fé vivida institucionalmente no corpo da cristandade que era o corpo mesmo da Igreja (LIMA VAZ, 1986, p. 29).

Em suas obras, de igual forma, também é possível perceber a defesa de um racionalismo moderado, já que o filósofo optou pelo “[...] ponto inicial o ‘ser’ captado pela inteligência no âmbito do conhecimento sensível, de onde o abstrai para em seguida buscar novos resultados da especulação, sem nunca ultrapassar o campo limitado do sensível” (ARAÚJO, 2014, p. 03).

Sua originalidade reside justamente em pensar a partir do movimento próprio da razão aristotélica e pela necessidade de se apontar a inteligibilidade humana – não somente com o mero intuito de se pensar filosoficamente, nem uma mera contemplação como se pauta a perspectiva platônica. Aquino, ao propor uma contemplação de teor teológico em que se demora na compreensão do mistério entorno de um Deus Criador, fez emergir a necessidade de uma metafísica do ato de existir, revelada a partir da assimilação e da recriação humana.

Lima Vaz (1986) cintila essa questão ao apontar que a contemplação teológica tomista pode ser compreendida na descrição de uma elipse e não de um círculo, como dado pela perspectiva agostiniana. Para o autor, nessa última, platônica, se tem uma curva de pensamento, em que há “[...] apenas um foco gerador de evidência e demonstração”. Assim, “[...] Deus, no primeiro caso; a natureza, no segundo. É uma única forma de conhecimento que se exerce imperiosamente: no primeiro caso, a fé, no segundo, a razão” (LIMA VAZ, 1986, p. 32).

Já em Aquino, a descrição da elipse se dá porque se trata de uma teologia que emerge “[...] pela conjugação de um *duplo foco*: a ciência de Deus comunicada pela revelação (teologia) e a ciência do homem alcançado pela reflexão autônoma (filosofia)”. Trata-se de “[...] duplo foco, mas gerando um único movimento ou uma mesma curva”. (LIMA VAZ, 1986, p. 32).



Tem-se assim que a existência de Deus enquanto um problema teológico e filosófico se dá pela conjugação de tais perspectivas, dando origem a uma visão de mundo que permita coerência racional e harmonia de perspectivas do pensar, motivo pelo qual a obra do Aquinate é até os dias de hoje compreendida como um arcabouço que não se prende exclusivamente à Idade Média e nem à estrutura comum do periódico escolástico, podendo ser utilizada de forma atemporal, por culturas e correntes de pensamentos distintos (FAITANIN, 2008; SANTOS, 2017).

A EXISTÊNCIA DE DEUS COMO UM PROBLEMA EM AQUINO

Para Aquino é importante demonstrar a existência de Deus para a constituição de uma Teologia Natural. Na *Suma Teológica* o filósofo utiliza-se da ciência aristotélica para discutir a existência divina e o que ela é, tendo-a como primeira causa de tudo o que existe no mundo. Cabe ressaltar que para o Aquinate o conhecimento natural acerca de Deus apenas é possível pelas escrituras, com vistas à Romanos 1:20, que afirma que “[...] as ocultas coisas de Deus podem ser claramente entendidas a partir das coisas que ele fez” (Rm 1,20).

Dessa forma, ao estabelecer as cinco vias para se provar racionalmente a existência divina, Aquino toma por princípio que os efeitos de Deus podem ser observados pelo humano. Diferentemente de nossos dias, em que se discute até a materialidade (ou não) de Deus (encarnado no Cristo), no contexto medieval, preocupava-o a necessidade de “[...] explicar a maneira pela qual o intelecto entende a verdade da proposição de que Deus existe” (IZÍDIO, 2013, p. 37). Assim, seu intuito era atender aos requerimentos formais da ciência na demonstração da existência de Deus, de forma inteligível enquanto objeto da ciência e de acesso ao conhecimento humano.

De forma geral, para o filósofo o conhecimento é a possibilidade de entender a verdade de alguma conclusão através de demonstração. Nesse sentido, “[...] o objeto do conhecimento através da demonstração é a conclusão; ainda, o objeto é demonstrado por inferir sua verdade a partir de verdadeiros princípios” (IZIDIO, 2013, p. 38).



Destarte, a primeira coisa a se conhecer sobre as coisas é se elas existem. Cientificamente, parte-se de um conceito do que seja a coisa e como essa se manifesta. Assim, realça-se o que se é, em que consiste e qual sua essência. Na teologia natural tomista, ao se conhecer sobre Deus, primeiramente, é preciso se ter um meio de acessar o ser de Deus de forma inteligível, capaz de se saber o que se é afirmado de Deus, enquanto um ser incorporeal, bom etc.

A proposta de Aquino ao elaborar as cinco vias é, portanto, demonstrar como o intelecto humano acessa de forma inteligível a verdade da existência do ser divino, uma vez que “[...] aquilo que é sensível é mais facilmente conhecido, de maneira que, as cinco vias partem daquilo que é considerado como sendo os “efeitos” de Deus no mundo para justificar assim uma causa primeira” (IZIDIO, 2013, p. 42).

É importante ressaltar que a *Suma Teológica* surge da insatisfação de Aquino em relação aos manuais disponíveis à época os quais pontuam uma teologia mais prática e menos dogmática, o que dificultava solucionar a problemática que o inquietava. Por isso, o filósofo trouxe para si a necessidade de reformulação da formação dos frades, com uma base ampla a respeito da teologia. Ferreira (2013), ao apresentar o movimento intelectual do Aquinate em direção à comprovação da existência divina, pontua a estrutura da *Suma Teológica*, que ora é passível de ser esquematizada da seguinte forma:

TABELA 2: DIVISÃO DA SUMA TEOLÓGICA.

SUMA TEOLÓGICA – TOMÁS DE AQUINO		
PARTES	CONTEÚDO	
Primeira	Deus: ontologia / metafísica: tido como princípio determinante e causalidade eficiente	Deus em primeiro lugar
		O que Deus é em si mesmo
		Deus como procedência das criaturas, partes d’Ele
Segunda	Homem: dotado de livre arbítrio, tem o movimento de criatura em busca de Deus	Estabelece o fim último das ações humanas
		Meios para se alcançar o fim último



	como causa final – uma antropologia teológica: se constitui e busca a beatitude	
Terceira	Prólogo sobre a liberdade divina diante da contingência humana	Jesus Cristo: mistério da encarnação em si mesmo e seu sofrimento em carne
		Estudo dos sacramentos por meio dos quais se obtêm a salvação – parte inacabada
		A vida imortal como fim para o qual o homem é chamado – não chegou a ser redigido pelo filósofo em razão de sua morte

Fonte: autor (2020) baseado em Ferreira (2013)

Sendo assim, a teologia natural elaborada por Aquino tem por objetivo estudar as coisas ao redor do ser humano e suas causas, uma vez que é a partir disso que se pode ter o entendimento acerca de Deus, já que Esse em si, não pode ser o sujeito objeto de estudo, e portanto, experimentado ou sentido. Para Aquino, é preciso se

“[...] notar que as coisas sensíveis, princípio do conhecimento racional, tem algum vestígio de imitação divina, contudo, que são totalmente insuficientes para dar-nos a conhecer a substância do mesmo Deus” (AQUINO, *Suma Contra os Gentios I*, 8, 1980).

A metafísica tomasiana tem, portanto, o objetivo de se conhecer a causa primeira, ou o motor imóvel de tudo, isto é, Deus. Nesse ínterim, a razão utiliza-se somente dos sentidos, do que se é permitido conhecer de forma mediata, a partir da realidade criada, sensível aos humanos – e a partir, disso estabelece uma relação e um discurso racional.

Ferreira (2013) alude que

[...] tudo o que podemos saber de Deus dependerá do conhecimento que temos do mundo ao nosso redor. A teologia natural somente poderá ser realizada tendo em vista a capacidade do entendimento humano para apreender o real. Falar da Teologia Natural é ativar todo o campo do



conhecimento humano e de suas reflexões [...]. Desvendar as relações existentes no mundo ao nosso redor implica em necessariamente sermos conduzidos a perguntar acerca da causa primeira, Deus. Evidencia-se, assim, que, tendo em vista o fato transcendente da essência divina em relação aos limites cognoscíveis de nossa razão, nosso intelecto somente poderá ter acesso a Deus mediante uma via negativa. Tal movimento é atestado por toda a construção da primeira parte da *Suma de Teologia*, onde é demonstrado que Deus não é um objeto subordinado ao intelecto humano pois Ele nos transcende (FERREIRA, 2013, p. 243).

Deus, tido como causa a partir dos efeitos, possibilita ao ser humano entender a dinâmica estabelecida. Noutras palavras, pela realidade sensível é possível para o homem desenvolver o intelecto da causa primeira de tudo o que existe, de forma orgânica e causal, chegando-se à Deus. O conhecimento se dará através de suas criaturas, do ordenamento de tudo que é criado, do uso da razão natural.

A existência de Deus como um problema em Aquino é respondida com a elaboração de uma “[...] Teologia Natural como o início da maneira com a qual o intelecto humano inicia a sua busca pela obtenção do conhecimento da causa primeira das coisas” (FERREIRA, 2013, p. 245). Logo, o conhecimento humano sobre a existência divina origina-se pelos sentidos sensíveis, o que se pode observar nos fenômenos naturais, tratando-se da revelação pela qual o homem transcende seus limites humanos e assim alcança conhecimento acerca de Deus. As cinco vias são as possibilidades dessa compreensão.

AS CINCO VIAS RACIONAIS PARA A EXISTÊNCIA DE DEUS

O desejo do ser humano de compreender os fenômenos sensíveis pode fazê-lo acessar racionalmente a existência de Deus. Nesse intuito, Tomás de Aquino, expressa na *Suma Teológica*, em sua primeira parte, questão dois, terceiro artigo, as cinco vias pelas quais, de forma racional, se provaria a existência divina.

Ferreira (2013, p. 244) aponta que as cinco vias demonstram “[...] uma análise do intelecto que ao deparar-se com a contingência do mundo e sua estruturação, mediante o uso da razão natural [...]”, e possibilitam chegar-se “[...] à necessidade de postular a existência desse Motor Primeiro, de Deus”.



Tais vias, sinteticamente, podem ser compreendidas do seguinte modo:

TABELA 3: AS CINCO VIAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS.

VIAS	EXPERIÊNCIA	ARGUMENTO
Primeira	Movimento	“Se tudo aquilo que existe é movido por algo, necessariamente haverá um primeiro motor, que tudo faz mover sem ser por nada movido, pois seria impossível remeter-se infinitamente a uma causa motriz; esse primeiro motor só pode ser, portanto, Deus”. (BATISTA, 2010, p. 92)
Segunda	Primeira causa eficiente	“Se tudo aquilo que existe tem a sua causa eficiente, isto é, aquilo que lhe proporcionou existência imediata, necessariamente haverá uma causa eficiente que, em última instância, seja responsável por tudo aquilo que existe; essa primeira causa eficiente só pode ser, portanto, Deus”. (BATISTA, 2010, p. 92)
Terceira	Argumento do existente necessário	“Se tudo aquilo que existe poderia ou não existir, uma vez existindo significa que, então, necessariamente existe algo, pois, se não existisse esse Ser Necessário, nada mais existira; esse Ser Necessário, portanto, só pode ser Deus”. (BATISTA, 2010, p. 92)
Quinta	Graus da perfeição	“Se tudo aquilo que existe tem diferentes graus de ser, ou seja, alguns seres são mais perenes, outros mais efêmeros, uns mais perfeitos e outros mais imperfeitos, verifica-se que há uma escala ou uma hierarquia entre esses mesmos seres; assim, deve existir um ser que esteja no topo de



		tal hierarquia, com o máximo do ser, de perfeição e de perenidade; esse ser, portanto, só pode ser Deus”. (BATISTA, 2010, p. 92)
Sexta	Governador supremo das coisas	“Se a totalidade dos seres obedece a um governo, ou seja, a uma ordem; é preciso que haja um ser responsável por ele; esse ser, portanto, só pode ser Deus” (BATISTA, 2010, p. 92)

Fonte: autor (2019) baseado em Batista (2010, p. 92).

A compreensão da harmonia proposta por Tomás de Aquino entre a fé e a razão com as cinco vias fundamentam sua Teologia Natural - uma verdade racional ao mesmo tempo revelada. Segundo Batista (2010), é preciso compreender alguns pressupostos sob os quais o filósofo desenvolveu seus argumentos:

(a) o pressuposto de que existe contato entre Deus e o homem, no qual Aquele se revela a este através da fé, comunicando-lhe a verdade; (b) o pressuposto de que o homem, na qualidade de criatura feita à imagem de seu Criador (Deus), é um ser racional, o que significa estar em condições tanto de buscar quanto de compreender a verdade; (c) o pressuposto de que a verdade, tanto sob o prisma da fé quanto sob o prisma da razão, é algo único, porém acessado por caminhos diferentes; (d) o pressuposto de que a verdade é o resultado do ajuste da mente consigo mesma ou da mente com algo que lhe é externo [...]. (BATISTA, 2010, p. 92).

Assim, tem-se que para Aquino a verdade pode ser demonstrada pela causa ou pelos efeitos. No entanto, o filósofo prefere a última por entendê-la mais viável para se perceber em que medida se dá a existência divina a partir das criaturas (efeitos), já que a causa em si não se dá tão evidente para os humanos. Os efeitos, a partir das cinco vias apresentadas, possibilitam ao ser humano a compreensão da realidade divina de forma racional.

A primeira via, do “movimento”, toma Deus como motor imóvel por entender que o universo se move, e por isso, algo está em movimento para que mova o universo. Aquino parte da concepção de que tudo está em movimento na natureza, a partir da física aristotélica. Entretanto, as coisas não se movimentam por si: para que algo seja colocado



em movimento, uma força externa precisa colocá-lo em movimento. Assim, identificando uma cadeia de causalidade a partir do movimento, o filósofo afirma que em algum momento, as coisas, num primeiro momento, foram colocadas em movimento. E foi Deus quem fez isso. Nessa relação sem fim, o motor primeiro é aquele que tudo move e não necessita de nada para ser movido. Deus é esse motor primeiro, e diferente de tudo o que existe Deus é imóvel.

Na segunda via, da “primeira causa eficiente”, cabe à Deus transcender a relação entre causa e efeito existente em tudo o que é sensível à percepção humana. Enquanto causa primeira e eficiente, na mesma proposta de silogismo da primeira via, Deus seria a causa. Isso se dá porque Aquino aponta que tudo tem uma relação de causa e efeito na natureza. A ciência é a revelação dessa causalidade. O empirismo e o naturalismo são centrados nessas relações de causas e efeitos. Na mesma estrutura de raciocínio da primeira via, se tudo é efeito de uma determinada causa, a causa primeira de todas as coisas deve estar fora dessa relação de causalidade, que deve ser Deus. Parte do pressuposto de que o ser humano tem uma relação finita, um regresso finito nessa relação de causalidade, diante de Deus, primeira causa eficiente.

Já na terceira via, do “existente necessário”, Deus é explicado pelos seres humanos como um ser necessário, pois se tudo o que existe de fato existe, há algo que necessariamente a tudo sustente. Ao sustentar a si mesmo é necessário, pois caso contrário, o mundo bastaria a si mesmo. Tal argumentação se pauta na dicotomia entre necessidade e contingência do ser necessário. Apresenta Deus como ser necessário a partir da constatação de que na natureza os seres são contingentes, isso é, podem ser ou não ser – o homem/a natureza existem e morrem, e suas características que possuem são também transitórias, acidentais. Mas todos os seres do universo não poderiam ter uma característica contingente, podendo existir ou não existir. Para o universo existir de fato, um ser é necessário, e esse ser seria Deus.

Pela quarta via, “dos graus de perfeição nos seres”, Deus é tido por Aquino como o ser perfeito, em que todos os outros seres pautam a proporção do que seja perfeito – aqui tido como beleza, bondade, virtudes. Deus possui máxima perfeição, em detrimento da perfeição relativa do que é sensível ao ser humano. Ainda que denote uma conotação



platônica, a perfeição relativizada do que é sensível ao homem somente existe porque esse tem sua explicação enquanto ápice do que é belo na figura de Deus.

Chega-se à Deus pela perfeição criada ou humana. Na humana, se o homem tem valores de verdade, de nobreza, se existe uma ideia de perfeição do homem, isso tem uma origem cuja essência está em Deus. Mesmo que possua a perfeição dada pela natureza, o homem sempre apresentará falhas, nunca uma perfeição completa, sempre numa escala de perfeição. Se é possível fazer uma gradação nessa escala de valores, de essência, essa escala, em seu grau máximo é encontrado em Deus.

Por fim, a quinta via, “do governador supremo das coisas”, tem Deus no papel de ordenador supremo, que a todo universo coloca ordem e um fim para o qual se dirige. Isso acontece sem que a inteligência humana possa compreender. Esse intelecto supremo, e que a tudo orienta para um fim só pode ser Deus, que ao mesmo tempo é o fim de tudo o que existe. Há uma concepção de unidade que defende que o mundo foi criado por Deus para um fim, incluindo o próprio mundo, que pode ter sido criado por Deus mesmo, para sê-lo por toda a eternidade. Deus é reforçado, portanto, na ordem existente no universo.

Com a elaboração de tais vias de acesso à compreensão racional da existência de Deus, Aquino obtém lugar de destaque na história da filosofia, ao propor estudar conhecer Deus ou as criaturas em referência à Deus. A natureza argumentativa de sua obra explica seu estatuto incontornável de filósofo e ao se inspirar nas teses aristotélicas, Aquino faz com que essas sejam compatíveis com a fé cristã.

Nesse sentido, Michon (2011) aponta que

[...] a existência de Deus é aí demonstrada a partir dos fenômenos naturais, mas Deus é alcançado também como criador, fonte e princípio da existência, de todas as coisas, e o estudo de seus atributos leva a atribuir a ele o conhecimento detalhado e o cuidado com a sua criação. A alma humana é essencialmente intelecto, uma forma do corpo que pode subsistir separada, e Aquino argumenta a favor da individualidade continuada dessa existência separada (MICHON, 2011, p. 165)

Michon (2011) ainda aponta que a compreensão sobre Deus permite a compreensão da finalidade da vida humana enquanto felicidade, que pode ser provada pela visão de Deus, assim como as virtudes teológicas da fé, da esperança e da caridade



– existentes para seres humanos que atingem uma elevação na condição de criatura nesta vida, a partir da obediência à ordem da graça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo compreender como Tomás de Aquino apresenta caminhos para comprovar de forma racional a existência de Deus. Para tanto, foram identificadas contribuições da perspectiva tomista para os estudos filosóficos, os motivos pelos quais a demonstração racional da existência de Deus era importante para uma teologia natural, bem como expostos os cinco caminhos (vias) propostos para se comprovar racionalmente a existência divina.

A ideia de Tomás de Aquino ao produzir uma Teologia Natural teve como intento relacionar a fé e a razão em um discurso, que de forma transcendente permitisse ao homem compreender racionalmente a existência de Deus. Argumentos sobre causalidades e necessidades, bem como os atributos de uma essência divina, são elementares nessa tentativa.

A riqueza de sua propositura é justamente utilizar-se de categorias aristotélicas de forma refinada para fundamentar a existência divina atrelada à possibilidade de compreendê-la a partir da natureza e da busca pela felicidade humana e de virtudes oriundas de uma fé que seja capaz de dialogar harmoniosamente com a razão.

Como consequência da proposta do Aquinate, tem-se um legado para compreender uma proposta de fé que não seja irracional e que parte da reflexão, ao mesmo tempo em que a razão reconhece suas potencialidades e limitações para desvelar mistérios metafísicos e, portanto, aceita o auxílio da fé para entender o que se há de necessário e de causa primeira de tudo o que existe e é sensível ao humano.

Nos caminhos possíveis para se abordar filosoficamente Deus, a formulação de Tomás de Aquino é, portanto, uma leitura que serve de norte para a reflexão pessoal, e que pode se materializar nos sentidos dados à realidade daqueles que o leiam, caso a problemática da existência de Deus se faça presente, tanto no uso exclusivo da fé, ou na



razão irrestrita por meio do conhecimento do que é material, ou ainda, quando se propõe à aproximação entre tais perspectivas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Petrópolis: Vozes, 6. ed. 2010.

_____. *Suma contra os Gentios*. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1990.

_____. *Suma Teológica*. Porto Alegre. EST- Sulina – UCS, 1980

ARAÚJO, André Ferreira de. A existência e a essência de Deus na filosofia de Tomás de Aquino. São Paulo: *Revista Âmbito Jurídico*. v. 124. 2014.

BATISTA, Gustavo Araújo. O pensamento educacional de Santo Tomás de Aquino como consequência de sua teologia e de sua filosofia. São Leopoldo. *Educação Unisinos*. v. 14. n. 2. maio/agosto. 2010. p. 82-96.

BÍBLIA. Romanos. Português. In: A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

FAITANIN, Paulo. *A Sabedoria do Amor. Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino*. Niterói: Instituto Aquinate, Coleção Cadernos da Aquinate, n. 2, 2008.

FERREIRA, Anderson D´Arc. O movimento do intelecto em direção à Deus. Alagoas: *Revista Crítica Histórica*. UFAL. Ano 4. n.7. julho. 2013.]

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 6 ed. 2008.

IZÍDIO, Camila de Souza. A demonstração da existência de Deus através do conhecimento sensível em Tomás de Aquino. São Paulo. *Revista Eletrônica de Filosofia: PUC-SP*. vol. 10. n°.1. janeiro-junho, 2013, p. 34-43

JUNIOR, Francisco de Aquino. Abordagens filosóficas sobre Deus. Porto Alegre. *Teocomunicação. Revista de Teologia da PUCRS*. v. 47, n. 2. julho-dezembro 2017. p. 111-124.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. Fisionomia do Século XIII. In: LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Escritos de Filosofia: problemas de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 11-33.



LUNA, Sérgio Vasconcelos. O falso conflito entre tendências metodológicas. In: FAZENDA, Ivanir Catarina Arantes (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 6.ed. 2000. p. 21-33.

MARQUES, José da Cruz Lopes. As verdades da razão e as verdades da fé em Tomás de Aquino. Piauí. *Pensando - Revista de Filosofia*. UFPI, v. 9, n. 18, 2018.

MICHON, Cryelle. Tomás de Aquino. In: PRADEU, Jean-François. *História da Filosofia*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC – Rio, 2011. p.163-167.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 25. ed. rev. atual. 2007.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *Tomás de Aquino e a Filosofia*. Lavras: UFLA, 2013.

SANTOS, Ivanaldo Oliveira. Tomás de Aquino e o século XIII. Pernambuco. *Ágora Filosófica: PUC Pernambuco*, v. 17, 2017, p. 123-148.